

Quão relativas são as relativas finais?¹

Inês Duarte, Ana Lúcia Santos, Nélia Alexandre²
(CLUL / FLUL)

Abstract: We argue that purpose relatives involve raising of a null operator to Spec,CP, although we assume a raising analysis of *that*-relatives. We present two arguments in favor of our analysis. The first one concerns the properties of *pa* ‘to’ relative clauses in Capeverdean. The second argument is built on data from acquisition. We extend the proposal by Friedmann, Belletti & Rizzi (2009), suggesting that non-subject purpose relatives are not problematic for children since they do not create the type of intervention effects that have been reported for *that*-relatives: purpose relatives always involve a chain with no morpho-phonological features (in EP).

Keywords/palavras-chave: Relativas finais, infinitivas finais, aquisição L1, efeitos de intervenção, crioulo de Cabo Verde. Purpose relatives, purpose clauses, L1 acquisition, intervention effects, Cape Verdean Creole.

1. Introdução

Neste trabalho, mostraremos que um subconjunto de orações infinitivas introduzidas por *para* em P(ortuguês) E(uropeu) é constituído por relativas finais de sujeito, de objeto e de instrumento, com comportamentos distintos das adjuntas finais não finitas.

Na secção 2, apresentaremos a tipologia de orações finais infinitivas e os testes que permitem identificar orações relativas finais em P(ortuguês) E(uropeu).

Na secção 3, discutiremos algumas das análises propostas na literatura para este tipo de orações relativas e argumentaremos a favor da ideia de que a sua derivação envolve a formação de uma cadeia operador nulo-variável, contrariamente ao que acontece nas relativas *that/que*, de acordo com a análise de elevação proposta em Kayne (1994) e Bianchi (1999).

Na secção 4, apresentaremos um argumento interlinguístico a favor da análise proposta, construído a partir da observação das propriedades das relativas de *pa* ‘para’ em Crioulo de Cabo Verde.

¹ Agradecemos à audiência do XXVI ENAPL os comentários feitos. Expressamos o nosso reconhecimento a Aida Cardoso, pela codificação dos dados do *corpus* de aquisição, e a José Maria Moreno, Catarina Oliveira e Bernardino Tavares, pelos dados do crioulo de Cabo Verde. Este trabalho foi financiado pelo projeto FCT PTDC/LIN/66202/2006.

² Financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, através da Bolsa de Pós-Doutoramento SFRH/BPD/67241/2009, e pelo projeto SILC (*Silent Constituents in the Grammar of Portuguese: Acquisition, processing and crosslinguistic variation*), através do programa POCTI-SFA-17-745.

A secção 5 apresentará um segundo argumento a favor da análise exposta na secção 3, baseado nos contextos de emergência do infinitivo flexionado em três crianças monolíngues portuguesas.

Finalmente, discutiremos, na secção 6, consequências da análise das relativas finais aqui proposta para a avaliação de hipóteses sobre efeitos de intervenção na linha das de Friedmann, Belletti & Rizzi (2009).

2. Tipologia de orações finais infinitivas

Lobo (2003) distingue orações finais periféricas (de enunciação) e orações finais não periféricas. Centrar-nos-emos neste trabalho nas orações finais não periféricas (Jones 1991, Landau 1999, 2001, Beavers & Bender 2004, Bhatt 2006, e.o.).

No conjunto das orações finais não periféricas, podem distinguir-se os seguintes subtipos: as infinitivas finais sem *gap* (1), cujo sujeito é um PRO controlado ou arbitrário; as infinitivas finais com *gap*, mas que não podem ser interpretadas como relativas visto que não podem fazer parte do mesmo constituinte que o seu antecedente (2); finalmente, as relativas finais em posição de objeto (3) e as relativas finais em posição de sujeito (4).

Infinitiva final sem gap

(1) Comprei um portátil novo [para PRO agradecer ao Pedro].

Infinitiva final com gap

(2) Trouxe [o artigo]_i para casa [para o Pedro rever e_i logo].

Relativa final em posição de objeto

(3) Entreguei [[o artigo]_i [para o Pedro rever e_i logo]] à editora.

Relativa final em posição de sujeito

(4) a. [O peixe]_i [para e_i ser grelhado] ainda não tem sal.

b. O peixe [para grelhar e_i] está aqui.

Note-se ainda que as infinitivas finais com *gap* e as relativas finais em posição de objeto podem ter um *gap* quer em posição de objeto (veja-se 2 e 3), quer em posição de oblíquo (5):

(5) a. Aluguei [uma garagem]_i [para guardar o carro e_i]. (locativo)

b. Ainda não comprei [uma faca]_i [para cortar o pão e_i]. (instrumento)

Os quatro tipos de orações finais considerados acima respondem de forma diferente a vários testes. Como se observa em (6), apenas as infinitivas finais sem *gap* podem ter uma contrapartida finita; nos restantes casos, as contrapartidas finitas resultam sintaticamente degradadas.

- (6) a. Comprei um portátil novo [para que pudéssemos agradar ao Pedro].
 b. ?Trouxe [o artigo]_i para casa [para que o Pedro revisse e_i logo].
 c. ??Entreguei [[o artigo]_i [para que o Pedro revisse e_i logo]] à editora.
 d. *[O peixe]_i [para que e_i seja grelhado] ainda não tem sal.

Por outro lado, e como será de esperar se apenas as relativas finais puderem ser analisadas como formando um constituinte com o seu antecedente, apenas as relativas finais podem ser clivadas juntamente com o DP que a precede.

- (7) a. *Foi [um portátil novo para agradar ao Pedro] que comprei.
 b. *Foi [o artigo]_i para casa [para o Pedro rever e_i logo] que trouxe.³
 c. Foi [o artigo]_i [para o Pedro rever e_i logo] que eu trouxe para casa.
 d. É [o peixe]_i [para e_i ser grelhado] que ainda não tem sal.

Finalmente, a proposição que corresponde a uma relativa final em posição de sujeito não pode ser questionada (veja-se (8)), o que a distingue de infinitivas finais com *gap* (9a) e de relativas finais em posição de objeto (9b) (Kirkpatrick 1982, *apud* Jones, 1991). Na verdade, esperamos que as relativas correspondam a pressuposições e, logo, a proposições que não podem ser questionadas ou negadas – voltaremos, pois, ao estatuto de 9(b) na secção 3.

- (8) A: [O peixe] [para ser grelhado] ainda não tem sal?
 B: * (*Não,) tem [para ser frito].

- (9) a. A: Compraste este peixe no mercado [para grelhar]?
 B: (Não,) comprei [para fritar].
 b. A: Compraste o peixe [para ser grelhado]?
 B: (Não,) Comprei [para ser frito].

As propriedades dos quatro tipos de orações finais acima explicitadas sugerem que a sua estrutura não é idêntica. Assim, Jones (1991) propõe para as infinitivas finais sem *gap* a estrutura clássica das orações adjuntas, considerando-as CPs complementos de Ps, adjuntos a TP (Jones, 1991); já para as infinitivas finais com *gap*, o mesmo autor sugere que o local de adjunção é VP e não TP.

Quanto às relativas finais, tanto Jones (1991) como Bhatt (2006) propõem duas estruturas distintas, atribuindo às relativas finais em posição de objeto mais estrutura oracional do que às relativas finais em posição de sujeito, com base, sobretudo, no contraste existente entre as frases como (a) e (b) de (10).

³ A extracção do DP e da oração final em conjunto seria gramatical sem a extracção do complemento do verbo *trazer* [para casa]. Contudo, nesse caso, a interpretação atribuída à estrutura seria a de uma relativa final (equivalente a 7c) e não a de uma infinitiva final com *gap*. Veja-se a este respeito a discussão na secção 3.

- (10) a. The fish [[-] to be grilled] is here. (Jones, 1991)
b. *The fish [to grill [-]] is here.

Assim, enquanto as relativas em posição de objeto seriam CPs, as relativas finais em posição de sujeito seriam relativas reduzidas, sem movimento-A' interno à relativa, legitimadas por um processo de Predicação Direta (Bhatt, 2006).

Note-se, contudo, que, em PE, não existe contraste de gramaticalidade em função da posição do *gap*, como se pode observar em (11). Por esta razão propomos uma estrutura uniforme para estes dois tipos de relativas finais em PE, semelhante à que propomos para as relativas finais de objeto:

- (11) a. O peixe [[-] para ser grelhado] está aqui.
b. O peixe [para grelhar [-]] está aqui.

3. Ambiguidade entre orações finais e relativas finais em posição de objeto – de volta ao problema estrutural

Como vimos, a aplicação de testes de clivagem mostra que as relativas finais em posição de objeto podem formar um constituinte com o DP que as antecede, facto que justifica a possibilidade de clivagem simultânea do DP e da relativa (veja-se (13a) e (14a)). No entanto, é também possível clivar apenas o DP, deixando abandonado o domínio infinitivo introduzido por *para* (veja-se (13b) e (14b)).

- (12) a. Comprei uma manta [para usar [-] na praia].
b. Comprei uma faca [para cortar pão [-]].
- (13) a. Foi [**uma manta para usar na praia**] que eu comprei.
b. Foi [**uma manta**] que eu comprei [para usar na praia].
- (14) a. Foi [**uma faca para cortar pão**] que eu comprei.
b. Foi [**uma faca**] que eu comprei [para cortar pão].

Os resultados dos testes de clivagem mostram, portanto, que orações introduzidas por *para* como as de (12) são sistematicamente ambíguas entre relativas finais em posição de objeto e infinitivas finais com *gap*. Este facto justificará, na verdade, o estatuto de (9b), que deixámos por explicar: em (9b), a infinitiva introduzida por *para* é interpretada como adjunta final e não como relativa final, o que é esperado, visto que, enquanto relativa, deveria corresponder a uma pressuposição e não poder ser questionada.

O comportamento perante a extracção das orações infinitivas introduzidas por *para* contrasta com a impossibilidade de extracção de apenas o DP antecedente com relativas *that/que*, como o contraste entre (15) e (17) mostra.

- (15) a. Comprei [uma manta que a Maria viu [-] na praia].
 b. Comprei [uma faca com que agora corto sempre o pão [-]].
- (16) a. Foi [uma manta que a Maria viu [-] na praia] que (eu) comprei.
 b. Foi[uma faca com que agora corto sempre o pão [-]] que (eu) comprei.
- (17) a.*Foi [uma manta] que comprei [que a Maria viu [-] na praia].
 b.*Foi [uma faca] que comprei [com que agora corto sempre o pão [-]].

A nosso ver, esta diferença de comportamento perante a extracção relaciona-se estreitamente com a ambiguidade estrutural acima mencionada e deve ser atribuída a uma diferença na estrutura de relativas finais e relativas *that/que*, exibindo as relativas finais uma estrutura interna semelhante à estrutura das orações adjuntas finais com *gap*. Assim, uma vez que adoptamos para as relativas *that/que* a análise de elevação retomada por Kayne (1994) e revista por Bianchi (1999), propomos que a análise clássica de adjunção, com o antecedente externo à oração relativa e uma cadeia operador-variável interna à referida oração, capta melhor as propriedades das relativas finais, em particular a sua ambiguidade sistemática com infinitivas finais com *gap*.⁴

De acordo com a análise que propomos, as relativas finais são CPs cujo núcleo é ocupado pelo complementador *para*, inserido em C por *Merge*. Um argumento a favor desta hipótese é o facto de, nestas orações, *para* obedecer aos testes de identificação de complementadores propostos por Magro (2005). Com efeito, (i) *para* legitima infinitivo flexionado (18a) e (ii) desencadeia próclise obrigatória (18b) – sobre infinitivo flexionado neste tipo de orações, veja-se também Santos, Duarte, Pires & Rothman (2011).

- (18) a. Comprei uma manta [_{CP} [_C para] usarmos na praia].
 b. Comprei uma faca [_{CP} [_C para] o cortarmos].

Internamente a este CP, forma-se uma cadeia de operador-variável, encabeçada por um operador nulo em Spec,CP e o CP é posteriormente inserido em posição de adjunção ao DP que constitui o seu antecedente, como se mostra simplificada em (19a). Por seu lado, as orações finais com *gap* são CPs que ocorrem adjuntos a VP/vP;– neste caso, embora o operador nulo tenha a sua referência fixada por um DP que o antecede, o CP não forma um constituinte com tal DP (19b). Assim, explicar-se-á que, nos casos em que um DP em posição pós-verbal precede imediatamente o CP final, a frase seja estruturalmente ambígua entre uma estrutura como em (19a) e uma estrutura como em (19b).

⁴ A nossa proposta é diferente da de Bhatt (2006), que adota uma análise de elevação para as relativas finais em posição de objeto.

- (19) a. [_{VP} comprei [_{DP}[uma manta_i] [_{CP} Op_i [_{C°} para] [_{TP} usar [_e_i] na praia]]]]
 b. [_{VP} [_{VP} comprei [_{DP} uma manta_i]] [_{CP} Op_i [_{C°} para] [_{TP} usar [_e_i] na praia]]]

A mesma análise em termos de uma cadeia operador-variável pode ser estendida a casos em que as orações introduzidas por *para* ocorrem à direita do verbo copulativo, como em (20) e (21). Esta é, aliás, a posição assumida por Landau (1999, 2001).

- (20) a. The money is to be deposited, not wasted. (Landau 1999, (12))
 b. The money is [Op_i [_t_i to be deposited, not wasted]].
- (21) a. A manta é [para usar [-] na praia].
 b. [A manta]_i é [_{CP} Op_i [para [usar e_i] na praia]].

Neste caso, a referência do operador nulo é fixada diretamente através da relação de predicação estabelecida na estrutura copulativa entre os dois constituintes da oração pequena: o DP em posição de sujeito [a manta] e o CP predicativo. Na verdade, o facto de este DP ser externo à infinitiva quer em casos como (21) quer no caso de relativas finais permite aproximar os dois tipos de estrutura. Do mesmo modo, em contextos identificacionais como o exemplificado em (22), é possível analisar as orações introduzidas por *para* como relativas livres, atribuindo-lhes a estrutura em (23).

- (22) (apontando para um livro)
 A: O que é isso?
 B: É para pintar na praia.

- (23) [_{DP} *pro*_i [_{CP} Op_i [para [PRO pintar e_i] na praia]]]

Na fala espontânea, em particular em diálogos, são ainda muito comuns fragmentos iniciados por *para*, como o exemplificado em (24).

- (24) A: Queres um bolo?
 B: Para eu comer?

O enunciado de B em (24) pode, na verdade, ter a estrutura de uma relativa final, como em (25) ou a estrutura de uma oração final com *gap* como em (26). Nos dois casos, há uma cadeia operador-variável; no entanto, se em (25) o operador é identificado pelo *pro* que o antecede e é esse pronome nulo que estabelece a sua referência com base no discurso anterior, em (26) é o operador que vê a sua referência estabelecida diretamente através da identificação com um DP saliente no contexto discursivo.

- (25) [_{DP} *pro*_i [_{CP} Op_i [_{C°} para] [_{TP} eu comer [Op]_i]]]
 (26) [_{CP} Op_i [_{C°} para] [_{TP} eu comer [Op]_i]]

Em síntese, atribuímos a várias orações infinitivas de *para* o estatuto de CPs. Defendemos que infinitivas com *gap* e relativas finais são orações adjuntas, respectivamente, a VP/vP e a DP; o facto de o DP ser externo à relativa permite a ambiguidade estrutural descrita acima, que é responsável por um comportamento das relativas finais sob extracção distinto do das relativas *that/que*. Na esteira de Landau (1999), sugerimos que orações encabeçadas por *para* em construções copulativas podem igualmente ser considerados CPs. Finalmente, propusemos que fragmentos que ocorrem como resposta em diálogos podem ser analisados como relativas livres.

Note-se, contudo, que não apresentámos ainda argumentos que sustentem a proposta de que, internamente a todas as orações de *para* que temos vindo a considerar, existe uma cadeia operador-variável formada por *Move*.

Na verdade, são vários os argumentos que permitem sustentar a ideia de que as orações finais com *gap* e as relativas finais (que, obviamente, também exibem *gap*) contêm um operador nulo. Desde logo, obedecem à generalização de Clark (1990) sobre a distribuição de cadeias de operador nulo – variável, segundo a qual “[a] null operator chain in $[_{CP} Op_i [\dots t_i \dots]]$ is licit iff t_i or CP are not in a case position” (Clark, 1990, *apud* Landau 2001: 136). Por outro lado, exibem efeitos de ilha forte (27a), tal como as relativas-wh infinitivas (27b) e ao contrário do que se verifica nas finais infinitivas sem *gap* (27c) – note-se que, em português, os adjuntos infinitivos se comportam como ilhas fracas (Raposo, 1992).

- (27) a.* Que livros é que compraste uma estante para pôr__?
b.* Que livros é que compraste uma estante onde pôr __?
c. (?) Que livros é que foste ao leilão para comprar __?

De acordo com o esperado, o *gap* exhibe um comportamento de variável, pois, nas condições adequadas, legítima lacunas parasitas:

- (28) a. Ele deu-me um cartão sapo [**OP**_i para usar e_i [sem carregar __]].
b. ?? Ele deu-me um cartão sapo [para ter net [sem carregar __]].
- (29) a. [Que livro]_i é que o João apresentou e_i [sem ler __] porque é idiota?
b. ?? Que livro é que o João apresentou e_i [porque é idiota] [sem ler __]?

Desenvolvemos na próxima secção um argumento interlinguístico a favor da existência de uma cadeia operador-variável gerada por movimento neste tipo de estruturas.

4. Um argumento interlinguístico a favor da cadeia operador nulo – variável formada por *Move*: as orações finais de *pa* ‘para’ em CVC

O comportamento das orações finais em línguas como o crioulo de Cabo Verde (CCV – variante de Santiago) favorece claramente a hipótese de que relativas finais e orações finais com *gap* envolvem uma cadeia do tipo operador nulo-variável, gerada por movimento. De facto, tal como o português, o CCV dispõe de vários tipos de orações finais, todas elas introduzidas por *pa* ‘para’, como em (30)-(32):

Oração final com *gap*

- (30) Bu leba [un libru]_i pa kasa [pa studa e_i].
2SG levar(PFV) um livro para casa para estudar
‘Tu levaste um livro para casa para estudar(es).’

Relativa final em posição de objeto

- (31) N kunpra [un pexi]_i [pa stufa e_i].
1SG comprar(PFV) um peixe para estufar
‘Eu comprei um peixe para estufar.’

Relativa final em posição de sujeito

- (32) [Un pexi]_i [pa stufa e_i] sta lisin.
DET peixe para estufar estar aqui
‘Um peixe para estufar está aqui mesmo.’

Visto o CCV ser uma língua sem marcas morfológicas de infinitivo, consideraremos que a impossibilidade de ocorrência de morfemas aspetuais à esquerda de um verbo é o critério de identificação de um domínio temporo-aspetualmente defetivo⁵. Deste modo, enquanto nas frases encaixadas introduzidas por *ma* ‘que’ temos um domínio pleno, finito, com marcadores aspetuais a ocorrerem antes do verbo encaixado (cf. *ta* em (33)), nas orações introduzidas por *pa*, a presença de marcadores aspetuais conduz a derivações não convergentes (34).

- (33) Djon_i fla [ma e_i ta kanta sabi].
Djon dizer(PFV) que 3SG **IPFV** cantar bem
‘O Djon disse que canta bem.’

- (34) *N kunpra un pexi [pa ta stufa].
1SG comprar(PFV) um peixe para **IPFV** estufar
‘Eu comprei um peixe para estufar.’ (veja-se o contraste com (31))

⁵ Cf. Pratas (2007) para uma análise alternativa.

Referimos os tipos de orações finais exibidos pelo CCV e a marcação de finitude que a língua faz com o intuito de podermos comparar construções-wh que são iniciadas por elementos distintos, concretamente, *ki* ‘que’, introdutor de orações relativas finitas, e *pa*.

Em CCV, as relativas de PP introduzidas por *ki* em que a preposição não é cortada envolvem, obrigatoriamente, uma cadeia (Op, *el*), ou seja, o pé da cadeia é morfofonologicamente realizado sob a forma de um pronome pessoal de 3ª pessoa do singular (*el*)⁶:

(35) *N ka atxa [kes txabi]_i **ki** bu abri porta *e*_i.
 1SG NEG achar(PFV) DET chave que 2SG abrir(PFV) porta
 ‘*Eu não encontrei as chaves que tu abriste a porta.’

(36) N ka atxa [DP kes [CP [DP txabi]_i [C **ki**] bu abri porta ku-**el**]_i.
 1SG NEG achar(PFV) DET chave que 2SG abrir(PFV) porta com-3SG
 Lit.: ‘Eu não encontrei as chaves que tu abriste a porta com ele.’
 ‘Eu não encontrei as chaves com que tu abriste a porta.’

Assumindo uma análise de elevação para as relativas-*that(ki)*⁷, a operação Move aplica-se ao DP antecedente da relativa, elevando-o para a posição de *Spec,CP_{rel}*, enquanto um dos traços formais do pé da cadeia (nomeadamente, [+D]) sobrevive na componente fonológica e ocorre sob a forma de *el* – uma cópia defetiva (Alexandre, 2009).

Ao contrário das relativas-*ki* de PP, que só permitem cópia soletrada, as relativas finais de PP introduzidas por *pa* do CCV tanto permitem cópias nulas como cópias soletradas:

(37) a. Nu kunpra [kes faka-li]_i [CP Op_i pa mata porku *e*]_i.
 1PL comprar(PFV) DEM faca-PROX para matar porco
 ‘Nós comprámos estas facas para matar porcos.’
 b. Nu kunpra [kes faka-li]_i [CP Op_i pa mata porku **ku-el**]_i.
 1PL comprar(PFV) DEM faca-PROX para matar porco com-3SG
 Lit.: ‘Nós comprámos estas facas para matar porcos com ele.’

⁶ Note-se que, se o constituinte relativizado for um DP, a cópia do pé da cadeia-A’ é nula, como em (i).

(i) Nhos kunpra [kel libru]_i **k’N** le *e*_i na skola.
 2PL comprar(PFV) DET livro que-1SG ler(PFV) em escola
 ‘Vocês compraram o livro que eu li na escola.’

⁷ Não discutiremos aqui as características positivas e negativas desta análise. Referimos, no entanto, que estamos a usar a proposta de Bianchi (1999) para as relativas-*that*, a qual é inspirada em Kayne (1994), mas que toma como antecedente da oração relativa um DP.

Estendendo a estes casos os critérios propostos por Alexandre (2009), o facto de não haver concordância entre *el* e o antecedente em (36) e em (37b) mostra que se trata efetivamente de uma cópia defetiva no pé de uma cadeia formada por movimento e não de um pronome resumptivo, gerado sem movimento e ligado a um Operador.⁸ No caso das relativas-*pa*, assumiremos uma análise por adjunção do CP relativo a DP ([_{DP} DP CP]), propondo assim que a operação Move não se aplica ao DP que é antecedente da relativa, mas a um Operador nulo, que deixa, igualmente, uma cópia defetiva ou uma cópia nula no pé da cadeia. O facto de se tratar de um Operador nulo, sem traços categoriais (e.g. [D]) que precisem de ser verificados em C, justifica a possibilidade de cópia nula.

5. Um argumento adicional: a aquisição de orações-*para* em português europeu

É sabido que a aquisição de relativas é um processo problemático (Sheldon 1974, Tavakolian 1981, Hamburger & Crain 1982 e trabalho subsequente; veja-se Vasconcelos 1991 para o Português), especialmente no que se refere à aquisição de relativas com a função sintática de objeto (veja-se a revisão em Friedmann & Novogrodsky 2004, também Adani et al. *in press*; para o Português, veja-se Costa, Lobo, Silva & Ferreira 2009 e Baptista, Afonso, Martins & Rodrigues 2010). Uma análise recente de Friedmann, Belletti & Rizzi (2009) propõe que a dificuldade manifestada na aquisição de relativas de objeto resulta do efeito de uma extensão da condição de Minimalidade Relativizada operativa na gramática das crianças. De acordo com estes autores, crianças entre os 3;7 e os 5;0 manifestam dificuldade na compreensão e produção de relativas de objeto em hebreu quando na posição de sujeito da relativa se encontra um determinado tipo de DP. Estes autores interpretam a dificuldade manifestada pelas crianças como um efeito de intervenção causado pela ocorrência de um sujeito lexicalmente realizado na relativa apresentando um subconjunto de traços formais idênticos aos da cadeia encabeçada pelo “antecedente” de uma oração relativa com antecedente expresso (assumindo-se uma análise de elevação – Kayne 1994; Bianchi 1999). Crucialmente, as relativas finais que temos tratado neste trabalho são relativas de objeto (ou locativo, ou instrumento), mas não envolvem elevação do DP antecedente, apenas o Operador nulo é movido para a posição de Spec,CP e, tratando-se de um Operador nulo, não terá traços formais idênticos aos de um sujeito lexical realizado na relativa. Por outro lado, poder-se-ia pensar que o próprio Operador nulo poderia ser problemático para as crianças. Vainikka & Roeper (1995) mostram que crianças entre os três e os seis anos são capazes de interpretar operadores nulos em orações finais, mas não é muito claro até que ponto estas estruturas não levantam problemas a crianças com menos de 3 anos de idade.

Assim, se, nas relativas finais, o antecedente do DP não for gerado internamente à relativa (apenas um operador nulo, sem traços lexicais, for movido de uma posição

⁸ Para uma argumentação extensiva a favor da distinção entre cópia defetiva e pronome resumptivo, veja-se Alexandre (2009).

interna à relativa para Spec,CP) e se os operadores nulos não forem problemáticos para as crianças a partir do momento em que CP já esteja adquirido, então, as relativas finais de objeto devem emergir mais cedo, mesmo nos casos em que exibem um sujeito lexical, do que as relativas de *que* de objeto com um sujeito lexical.

Para tentarmos verificar estas predições, observámos o *corpus* de produção espontânea de Santos (2006/2009), que apresenta produção espontânea de três crianças em estádios iniciais de aquisição (1;6.6 – 3.11.12, 1;6.18-2;9.7, 1;5.9-2;7.24, MLUw 1.2-3.8), reunindo mais de 18000 enunciados produzidos pelas crianças.

A avaliação destes dados deve considerar quer resultados relativos à emergência das diferentes estruturas, quer resultados que dizem respeito à frequência relativa das estruturas. Na verdade, das 143 relativas que as crianças produzem neste corpus, 87 são relativas de *para* (19 com antecedente, 40 livres em estruturas com verbo copulativo e 28 livres em fragmentos sem verbo copulativo), sendo todas estas relativas de *para* relativas de objeto, instrumento ou locativo. Se reduzirmos a janela temporal da observação, conseguimos combinar dados de emergência e de frequência: tomando em consideração apenas o primeiro ano de recolhas (1;5/1;6-2;6), 33 das 42 relativas produzidas nesse período são relativas finais.

É possível ainda observar mais finamente a emergência dos diferentes tipos de relativas. Evidentemente, e tendo em conta a hipótese de Friedmann, Belletti & Rizzi (2009), interessa-nos sobretudo comparar a emergência de relativas *that/que* com sujeito lexical e relativas finais com sujeito lexical. Os dados confirmam a emergência mais precoce de relativas de *para* do que de relativas *that/que*. No caso de duas das três crianças, TOM e INI, as relativas finais com sujeito lexical emergem antes de relativas *that/que* com sujeito lexical: INI produz aos 2;1 uma relativa final de instrumento com antecedente e aos 2;5 uma relativa final de objeto com antecedente, aos 2;3 uma relativa final livre numa estrutura copulativa e apenas aos 2;5 uma relativa de objeto com antecedente (dados apresentados em 37 a 39); TOM produz uma relativa final de *para* num fragmento aos 1;11, uma relativa final de *para* numa estrutura copulativa aos 2;6 e aos 2;9 uma relativa final de *para* com antecedente, produzindo aos 2;7 uma relativa *that/que* de objeto com antecedente (dados apresentados em 38 a 40).

Uma das crianças, INM, não produz relativas *that/que*, mas produz 8 relativas finais de *para* (4 são relativas livres em fragmentos), a partir dos 2;4. Todas estas relativas têm sujeito lexical.

Relativa-*that* (O com antecedente, sujeito lexical)

(38) *MJF: a comer o quê ?

*INI: aquele [: aquilo] que ela tem. 2;5

Relativa-*para* (O livre, sujeito lexical)

(39) *MJF: que é isso ?

*INI: é pa(ra) a boneca mo(r)der. 2;3

Relativa-*para* (INST e O com antecedente, sujeito lexical)

- (40) a. *MAE: o que é isso ?
*INI: uma ma(n)ta pa(ra) a nenê@f tapar. 2;1
b. *INI: ce(re)ais # pa(ra) eu comer . 2;5

Relativa-*that* (O com antecedente, sujeito lexical)

- (41) TOM: <e disse> [/] # e disse a mim [?] # eu vou pô(r) co(l)a na [//] #
nesta nota qu(e) o avô Zé deu. 2;7

Relativa-*para* (O livre, sujeito lexical)

- (42) TOM: pô [: para o] u(r)so come(r) . 1;11

Relativa-*para* (LOC e O livre, sujeito lexical)

- (43) a. TOM: é pa(ra) o popós ent(r)a(r) . 2;6
b. TOM: foi pa(ra) ele acender . 2;9

Relativa-*para* (LOC com antecedente, sujeito lexical)

- (44) TOM: tenho aqui um [/] # um [//] out(ro) banco # pa(ra) eu faze(r) assim
campeone! 2;9

Caso se assuma uma análise das relativas finais como a que propomos e uma análise de efeitos de intervenção em relativas como em Friedmann, Belletti & Rizzi (2009), estes dados são, de facto, esperados: se considerarmos exclusivamente relativas de objeto com antecedente e sujeito lexical, as relativas finais emergem mais cedo do que as relativas *that/que*. Note-se que as relativas finais emergem mais cedo, mesmo que a sua produção implique a ocorrência de sujeitos lexicalmente realizados em contextos de infinitivo flexionado (veja-se Santos, Duarte, Pires & Rothman 2011). Estes dados mostram ainda que um operador nulo nas relativas finais não é problemático para as crianças, mesmo antes dos 3;0.

6. Considerações finais

Neste trabalho, apresentámos uma tipologia das orações finais de *para*, centrando-nos nas infinitivas finais com *gap* e nas relativas finais. Mostrámos que, em muitos contextos, há ambiguidade estrutural entre estas orações, o que nos levou a propor uma análise das relativas finais em que o DP antecedente é externo à relativa e é um operador nulo que se move, na relativa, para Spec,CP, tal como acontece nas infinitivas finais com *gap*. Para além dos argumentos clássicos que envolvem extracção e legitimação de lacunas parasitas, usámos ainda dois outros argumentos a favor desta análise: um argumento interlinguístico, envolvendo a presença de cópias defetivas nas relativas finais em CCV; um argumento proveniente de dados de aquisição, mostrando que as relativas finais de objeto são particularmente precoces face ao que se sabe sobre a aquisição de relativas *that/que* de objeto.

Referências

- Adani, F., H. K. J. van der Lely, M. Forgiarini, M.T. Guasti (in press) Grammatical Feature Dissimilarities Make Relative Clauses Easier: a Comprehension Study with Italian Children. *Lingua*.
- Alexandre, N. (2009) *Wh-Constructions in Cape Verdean Creole: extensions of the theory of movement*, Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Baptista, A. C., C. Afonso, F. M. Martins & S. Rodrigues (2010) Compreensão de orações relativas. Metodologia Act-Out. Trabalho desenvolvido para os Seminários de *Sintaxe e Linguística Educacional*, no âmbito do Doutoramento em *Voz, Linguagem e Comunicação*, Lisboa: FLUL.
- Bhatt, Rajesh (2006) *Covert Modality in non-Finite Contexts*, Berlin: Mouton de Gruyter.
- Beavers, J. & Bender, E. (2004) Gap-less instrumental relative clauses in English. (<http://comp.ling.utexas.edu/~jbeavers/instrel-handout.pdf>).
- Bianchi, V. (1999) On resumptive relatives and the theory of LF chains, *Quaderni del Laboratorio di Linguistica* 12-13, Pisa: Scuola Normale Superiore, pp. 79-99.
- Costa, J. M. Lobo, C. Silva e E. Ferreira (2009) Produção e compreensão de orações relativas em português europeu: dados do desenvolvimento típico, de PEDL e do agramatismo. *Textos Seleccionados. XXIV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL.
- Friedmann, N.; Belletti, A. & Rizzi, L. (2009) Relativized relatives: Types of intervention in the acquisition of A-bar dependencies, *Lingua* 119 (1), pp. 67-88.
- Friedmann, N. & Novogrodsky, R. (2004) The acquisition of relative clause comprehension in Hebrew: a study of SLI and normal development. *Journal of Child Language* 31, pp. 661-681.
- Hamburger, H. & Crain, Stephen (1982) Relative acquisition. In S. Kuczaj (ed.) *Language Development: Syntax and Semantics*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum.
- Jones, C. (1991) *Purpose Clauses. Syntax, Thematics and Semantics of English Purpose Constructions*. Dordrecht: Kluwer.
- Landau, I. (1999). Psych-adjectives and Semantic Selection. *The Linguistic Review*, 16, (4): 333–358.
- Landau, I. (2001). *Elements of Control. Structure and Meaning of the Infinitival Constructions*. Dordrecht: Kluwer.
- Lobo, M. (2003) *Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português*. Dissertação de Doutoramento. Universidade Nova de Lisboa.
- Kayne, R. (1994) *The Antisymmetry of Syntax*. Linguistic Inquiry, Monograph Twenty Five, Mass.: MIT.
- Magro, Catarina (2005) Introdutores de orações infinitivas: o que diz a sintaxe dos clíticos. In I. Duarte & I. Leiria (eds.) *Actas do XX Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL.
- Pratas, Fernanda (2007) *Tense Features and Argument Structure in Capeverdean Predicates*, Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

- Raposo, E. (1992) *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Ed. Caminho.
- Santos, A.L. (2006) *Minimal Answers. Ellipsis, syntax and discourse in the acquisition of European Portuguese*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa. [publicada em 2009, John Benjamins]
- Santos, A. L., I. Duarte, A. Pires & J. Rothman (2011) "Early inflected infinitives and late V-to-C movement". In N. Danis, K. Mesh & H. Sung (eds.) *Proceedings of the 35th Boston University Conference on Language Development*. Somerville, MA: Cascadilla Press. Pp.540-552.
- Sheldon, A. (1974) The role of parallel functions in the acquisition of relative clauses in English. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior* 13, pp. 272-281.
- Tavakolian, S. (1981) The conjoined-clause analysis of relative clauses and other structures. In S. Tavakolian (ed.) *Language Acquisition and Linguistic Theory*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- Vainikka, A. & T. Roeper (1995). Abstract operators in early acquisition. *The Linguistic Review*.12: 275-310.
- Vasconcelos, Manuela (1991), *Compreensão e Produção de Frases com Orações Relativas: um estudo experimental com crianças dos três anos e meio aos oito anos e meio*, Dissertação de Mestrado, Lisboa: FLUL.